

# projeto humanas

## 02. DEIXA EU TE CONTAR UMA COISA

### **Introdução**

Oi, eu sou o Raphael Concli, e esse é o Projeto Humanas.

Bom, vamos retomar a nossa conversa de onde a gente tinha parado.

No primeiro episódio eu falei de como a explosão do número de podcast no Brasil também trouxe um monte de programas que falam de ciências. Eu comentei que muitos deles seguem o formato de entrevista ou de mesa-redonda, seja aqueles mais voltados pro público acadêmico ou mesmo os que falam pra uma audiência mais ampla.

Só que existem outros jeitos pra falar de ciência em podcast, e uma expressão que acabou virando um guarda-chuva enorme pra abrigar outros formatos é “podcast narrativo”.

Afinal, o que é isso?

Quais as bases desse formato? Como ele pode ser interessante pra falar de ciências? E que riscos ele pode trazer? É disso que a gente vai falar aqui hoje. E pra isso, eu vou me concentrar em dois exemplos: um episódio do RadioLab e outro do 37 graus.

Do RadioLab eu falei um pouco no episódio passado. É um podcast americano bem estabelecido, que começou em 2002 e até hoje está no ar. Em cada episódio eles contam histórias cotidianas iluminadas pela ciência.

O 37 graus é uma produção brasileira, num modelo próximo do Radiolab. Muitos dos temas que o 37 aborda passam pelas ciências naturais, mas aqui eu vou pegar um episódio da quarta temporada em que as ciências humanas têm protagonismo.

E eu escolhi esses dois programas porque ele têm um nível de produção bastante complexo, em que da pra ver muitos elementos que formam um podcast narrativo sendo explorados.

Neles, reportagens guiam os episódios, e a voz de narradores é quem chama a participação de especialistas. E tudo isso costurado com uma variedade grande de elementos sonoros, desde a trilha até sonoros de outras mídias. Além de um trabalho de locução elaborado.

Mas antes de entrar nessa análise, eu queria começar contando um caso.

Por um tempo, eu dei aula de filosofia no ensino médio. E foi bem depressa que eu percebi que tentar em sala de aula métodos parecidos com os que rolavam na universidade não ia dar muito certo.

Na graduação, um princípio básico de toda aula era a leitura do texto dos próprios filósofos. Quando eu comecei o curso - o que foi lá 2005 - e me deparei com aquilo, foi um pouco assustador.

Era uma novidade ler - e reler, e treler - textos tão densos e que não foram escritos pra mim, como eram as apostilas de ensino médio. Até entrar no curso, o meu contato com esse tipo de material tinha sido muito pouco. O que me seduziu pra filosofia foram textos mais simples, de manual, introduções didáticas, que eu descobri nuns encontros extras, puxados pela professora de história, em que a gente no final conversava e comia bolo. Teve uma edição mequetrefe do livro A Gaia Ciência, do Nietzsche, que eu até comprei, li alguns aforismos e ficava

impressionado. Mas ficou nisso. Daí, na Universidade, quando eu topei com coisas como o Segundos Analíticos do Aristóteles, eu só me perguntava: do que é que esse sujeito tá falando?

Mas enfim, eu aprendi algumas técnicas de leitura que me permitiam ir decifrando pouco a pouco a estrutura desses textos, e descobri que a gente podia passar um semestre inteiro lendo um texto de 10 páginas.

Salta alguns anos pra frente, estou eu na frente de 30 adolescentes, já com celulares na mão, precisando explicar as diferentes concepções de estado de natureza entre Hobbes e Rousseau.

Com uma, às vezes duas aulas por semana de 50 minutos, não dava pra pedir pra eles abrirem o "Leviatã" ou o "Discurso Sobre a Desigualdade Entre os Homens", se nem a apostila ou, no melhor dos casos, o livro didático a maioria lia...

Ate que me surgiu uma ideia. E se eu fizesse um pequeno experimento em sala pros alunos sentirem o que seria um mundo anterior à criação de leis, sem que nenhuma autoridade existisse pra regular o convívio social. Onde cada um seria livre e o único responsável pela sua... sobrevivência. Uma simulação desse tal estado de natureza.

Eu chamei isso de um minuto de liberdade.

Sim, foi um pouco arriscado.

Só tinha uma regra, não podia sair da sala - nem jogar nada pra fora dela. Durante um minuto, todo mundo podia fazer qualquer coisa, sem que eu fosse interferir. Eu fechava a porta, claro, olhava no relógio, dava o sinal pra começar. E torcia.

Era engraçado. Teve sala em que alguns alunos viravam as carteiras de ponta cabeça. Outros pegavam as coisas dos colegas e não devolviam. Alguns ficavam em pé na cadeira. Outros só abriam um livro, colocavam um fone de ouvido e tentavam se esconder.

Lógico que a história espalhou rápido de uma sala pra outra, então quando eu chegava pra essa aula, alguns caras já tinham maquinado alguma arte pra fazer, como o cara que sentou no alto da prateleira acima da lousa e começou a bater palma e berrar.

Que eu me lembre, nunca aconteceu nada demais, nada além disso. Mas foi marcante. E me ajudava a debater com os alunos como o Hobbes e o Rousseau entendiam que esse estado de natureza seria e como a humanidade teria conseguido deixar isso pra trás.

Claro, esse 1 minuto de liberdade era algo totalmente artificial, e não era bem assim que os filósofos imaginavam o tal estado de natureza. Mas essa licença poética me permitia começar a discussão, trazer para realidade imediata dos alunos alguma situação que permitisse a eles se colocarem perguntas e problemas parecidos com os dos pensadores.

Quase toda aula eu tentava buscar algum ponto de partida que me permitisse isso, que tornasse o problema filosófico da vez algo relacionável. E pra isso era preciso buscar com muita calma que pergunta aquele autor estava se fazendo e que história eu poderia contar ou criar pra ajudar a visualizar isso.

O meu breve tempo como professor mudou minha maneira de estudar, me trouxe de forma muito viva um problema que a graduação parecia deixar de lado - como comunicar filosofia. Como falar sobre aquilo pra alguém e tentar fazer as pessoas encontrarem naqueles autores questões que elas poderiam se fazer e,

com isso, olhar o mundo de formas novas - ao invés de sair repetindo frases feitas com nomes e palavras difíceis.

Enfim, tudo isso pra dizer que a busca por histórias e por questões relacionáveis me parecem um ponto de partida muito útil pra gente falar de alguma área do saber com alguém. É isso o que muitos podcasts narrativos fazem quando falam de ciências ou com elas.

Então vamos ver um pouco mais de perto como isso acontece.

Eu sou Raphael Concli. Bem-vindas e bem-vindos ao Projeto Humanas.

## **O grande guarda-chuva narrativo**

Bom, se tem uma palavra que ficou gasta nos últimos tempos é “narrativa”. É um termo que passou a aparecer em todo canto, e com intenções muito diferentes.

Tem situações em que chamar algo de narrativa é praticamente uma acusação, como acontece nas disputas políticas. A “narrativa” seria uma forma conveniente, enviesada de contar uma situação. Um relato parcial com uma intenção maliciosa.

Por narrativa também se entende um sinônimo de relato pessoal ou do falar sobre algo a partir de um ponto de vista particular, que pode ter sido historicamente silenciado, por exemplo. E claro, narrativa pode ser também uma história de ficção.

Eu não pretendo entrar nessa disputa ou na minúcia do conceito. Eu quero é tentar achar um caminho possível pra entender como isso aparece no mundo dos

podcasts. E como eu estou interessado em entender modelos de podcasts que falam de ciência, vou deixar o campo da ficção de lado.

Sim, podem existir podcasts de ficção que também se proponham a divulgar ciência, mas eu não conheço nenhum e não analisei nenhum. Então eu vou me concentrar naqueles de não-ficção, em que a reportagem tenha um papel central.

O que eu vou destrinchar aqui são esses podcast roteirizados que contam uma história através de um *arco narrativo*, ou seja, uma estrutura com começo, meio e fim em que uma situação ou um problema se desenvolve e é movido por algum conflito, adversidade ou dúvida.<sup>1</sup>

É isso que se costuma chamar de *storytelling* - de contação de histórias. Essa é uma *estratégia narrativa*, mas a noção de narrativa é mais ampla do que isso; narrativas podem ter outros formatos e podcasts narrativos também.<sup>2</sup> Só que agora eu vou me concentrar nesse modelo da contação de histórias. No último episódio eu volto pra falar de outros modelos.

\* \* \*

Então, vamos lá, se a gente quiser uma fórmula básica, mínima de narrativa, dá pra dizer que essa é uma forma de comunicação em que “*relações de causa e efeito entre eventos acontecem num período de tempo e afetam determinados personagens*”.<sup>3</sup> De novo, eu estou dizendo isso com apoio do Michael Dahlstrom, um pesquisador do papel das narrativas na divulgação de ciência.

Esse é um recurso que é adaptado em muitas mídias pra se falar de ciência com públicos mais amplos. E, como o Dahlstrom diz, esse é um formato com um poder persuasivo muito grande.

---

<sup>1</sup> A caracterização de arco narrativo pode ser encontrada em Abel (2015) e Smith (2016)

<sup>2</sup> VICENTE; SOARES, 2021

<sup>3</sup> DAHLSTROM, 2014.

Ele lembra, com apoio de diversos autores, como elas são mais fáceis de lembrar e compreender do que uma explicação lógica, por exemplo. Muitas das nossas memórias são armazenadas como narrativas, e elas servem como esquemas interpretativos pras situações que a gente vive no cotidiano.<sup>4</sup>

Além disso, elas têm a capacidade de promover empatia e identificação com o público pela personificação, por apresentarem personagens vivendo situações. Isso aparece bastante na cobertura jornalística de temas de saúde. Basta lembrar o tempo da pandemia.

Se você não é um pesquisador ou um jornalista talvez você não se lembre precisamente de todas as etapas pra avaliação de uma vacina, mesmo que isso aparecesse bastante nos jornais. Mas é provável que você lembre de histórias de pessoas que não se vacinaram ou que se vacinaram.

E isso aponta pra um outro argumento do Michael Dahlstrom: as narrativas são o principal formato de comunicação a partir do qual a ciência já chega pra muitas pessoas. Nós estamos cercados delas. Seja na propaganda de um enxaguante que combate a placa bacteriana, nos programas educativos, numa reportagem sobre desastres ambientais ou no seriado do médico detetive

### ***House | trecho em que House interage com mãe anti-vacina***

***Mãe:*** O rosto dela ficou assim, inchado essa noite.

***House:*** Hmm Hmm. Sem febre, glândulas normais. Faltam as datas das vacinas.

***Mãe:*** Não vamos dar vacinas.

***House:*** Acha que não funcionam?

---

<sup>4</sup> DAHLSTROM, 2018.

**Mãe:** *Eu acho que alguma multinacional quer que eu acredite que funcionam. Pra ajudar no faturamento.*

**House:** *Sabe outro excelente negócio? Pequenos caixões funerários para bebês.*

Claro, não se trata de dizer aqui que esse é um modelo ideal. Esse tipo de *enquadramento narrativo* pode não ser o mais interessante dependendo do que você quer contar - nem sempre a gente tem um personagem e um conflito pra desenvolver.

Além disso, existem riscos e limites: narrativas falam de situações particulares, específicas, situadas num tempo e contexto. Então considerar que a partir de um caso se possa sair com princípios gerais pra entender qualquer outro pode ser inclusive contraproducente. Narrativas não são provas, nem devem ser tomadas como evidências que podem ser generalizadas.

Mas elas podem ser sim úteis pra motivar o contato com questões científicas, pra influenciar atitudes e comportamentos e pra mostrar inclusive como a investigação científica pode ser usada pra resolver um problema.

Esse poder persuasivo e capacidade de engajar o público leigo pode servir pra construir confiança e interesse em ciência, e até mesmo aproximar questões científicas do cotidiano comum.

Então se narrativas e histórias podem ser aliadas pra se falar de ciência, vamos ver como isso pode ser feito / vamos dar mais um passo é ver como isso pode ser feito através dessa estrutura narrativa.



## *Arco e atos*

Dá pra contar uma história em áudio de muitas formas. Algumas pessoas como o Robert Smith e a Jessica Abel literalmente desenharam como a estrutura de uma história em áudio pode ser. Ele é apresentador do “Planet Money” da Rádio Pública Americana, a NPR. Ela é autora de um livro em quadrinhos fundamental sobre histórias em áudio, o “Out on the Wire”

A mais básica dessas formas é simplesmente encadear uma sequência de eventos um depois do outro, com pessoas dizendo algo sobre aquilo, “ele disse isso”, “ela disse aquilo”...

É uma forma bem linear. Mas você pode dar um pouco mais de movimento e de motivos pra alguém ouvir essa história.

Pra isso, uma estrutura útil e muito usada em podcasts narrativos é o arco com três atos. Existem muitas formas de se descrever esse esquema, que pode ser por exemplo assim:

- Existe um problema,
- para o qual uma solução é buscada,
  - mas alguma coisa complica essa solução,
- até que se chegue em alguma resposta

Ou ele pode ser assim

- Alguma pessoa está enfrentando uma situação

- Um especialista fala sobre esse problema ou a própria pessoa toma uma atitude
- O que resultou disso então?

Existe aí o desenvolvimento de uma situação com algum conflito no meio - pode ser algum mistério, uma dificuldade, um novo problema que se soma àquele que deu início a tudo.

É uma forma de organizar o que se quer contar, que avança um pouco mais em relação àquela formulação bem geral que a gente viu um pouco antes.

Nem sempre se tem esses elementos certinhos assim na mão, por isso que eu falei em enquadramento narrativo - às vezes é preciso colocar os elementos que se têm em função dessa estrutura. Quando a gente fala de temas de ciência, nem sempre se tem uma figura humana pra ancorar a história; muitas vezes é uma ideia ou um conceito que vai dar esse caminho.

E escolher de maneira clara de onde a narrativa parte é fundamental nessa organização. Esse começo pode ser uma questão que desperte interesse, curiosidade, uma situação vivida por alguém. É o momento de colocar um problema, aquilo que vai se desenvolver ao longo do episódio e que não vai ser respondida de imediato.

E aqui, existe uma diferença entre a estrutura de apresentação de uma pesquisa em um artigo, por exemplo, e de uma narrativa pra um podcast que fala de ciência.

Uma questão de pesquisa dialoga com a tradição, com os saberes já constituídos de uma área, com pressupostos científicos que é preciso dominar - e com problemas e controvérsias que aquela área enfrenta. Ou seja, é um papo pra iniciados.

Já quando a gente quer falar de ciência em outros contextos e meios, vale a pena reduzir os pressupostos ao mínimo e partir de um ponto que o ouvinte ou o leitor também possa partir. Pra isso, uma história ilustrativa ou questões mais amplas podem funcionar melhor, porque são mais fáceis de entender e não demandam que a pessoa tenha muito conhecimento prévio. É mais fácil de ela se relacionar com aquilo.

Tem um episódio do RadioLab que faz isso muito bem. O nome é algo como “O meio de tudo que existe”.

A equipe do programa recebeu uma carta de uma ouvinte angustiada, que tinha acabado de terminar o colegial e estava meio perdida, se perguntando sobre a vida, o futuro.

### ***RadioLab | The Middle of Everything Ever***

***Laura Andrews: Where do I belong?***

***Soren Wheeler: Sort of philosophical questions.***

***Laura: What is my place in the universe?***

***Soren: About herself ...***

***Laura: Where are we in relation to everything ever?***

***Soren: ... about everything.***

Até que nessa espiral de perguntas e autorreflexão, veio uma bem específica: afinal, se a gente considerar todas as coisas que existem no universo, o que estaria no meio de tudo? Ou seja, se a gente considerar a maior coisa que a humanidade conhece, uma estrela ou um buraco negro e a menor, tipo uma partícula subatômica, e buscasse a média de tamanho entre elas, quanto seria?

Essa pergunta vai guiar o episódio e começar o tal arco narrativo. E esse arco vai se dividir em atos, etapas que desenvolvem essa questão. Tem alguns programas até que deixam essa divisão bem explícita, como o *This American Life*. Nele, é dito pro ouvinte quando cada ato começa.

Às vezes cada um desses atos conta uma história própria, e elas se conectam por aquela questão inicial ou tema.

Ou, como é o caso desse episódio aqui do *RadioLab*, os atos desenvolvem uma história única, trazendo dilemas pra resolução dela até chegar na resposta. Os intervalos comerciais marcam essas passagens, mas não é enunciado pro ouvinte que isso está acontecendo com um título, por exemplo. Esse episódio que a gente tá analisando, se divide assim:

Tudo começa com a carta da ouvinte e a pergunta que ela coloca

Em seguida, tem o núcleo do desenvolvimento, quando o repórter Soren Wheeler chama o matemático Steve Strogatz pra investigar a questão com ele. Os dois começam então a juntar as peças pra fazer a conta: procurar qual é afinal a maior e a menor “coisa” que existem e qual conceito de “meio” que é possível usar pra fazer esse cálculo.

Com as peças reunidas eles então fazem o cálculo. O resultado é um número tão curioso que eles acham melhor refazer a conta - nesse momento, a gente chega numa primeira resposta, que recoloca o problema.

No primeiro cálculo, a maior "coisa" era o tamanho conhecido do universo hoje, e a menor uma medida da física abaixo da qual a ideia de espaço começa a perder a sua “integridade”, um conceito chamado de comprimento de Planck. Apesar da conta ter sido bem feita, essas duas escolhas não parecem exatamente coisas.

***RadioLab | The Middle of Everything Ever***

**Soren:** *Which is fine, because—because I think—I like what we did too but, like—but we have now figured out the middle of all measurables. Or something like that.*

A primeira conta parece ter encontrado só a média daquilo que é mensurável, como o Soren, o repórter, disse. E o que mensurável não é necessariamente uma “coisa”.

Ele e o matemático então repensam os termos da conta, agora escolhendo coisas que sejam mais aceitáveis como... coisas mesmo.

Eles enfim decidem que a maior coisa vai ser a maior estrela que se conhece. Já a menor é a medida estimada de um quark, uma partícula subatômica. Agora sim, dá pra fazer a conta de novo:

### **RadioLab | *The Middle of Everything Ever***

**Soren:** *So we had our littlest thing and our biggest thing.*

**Steve Strogatz:** *Right. Okay, so the middle ...*

**Soren:** *So we've got our same thing, 12 and -20, and we add them up and get -8 divided by two, we get -4.*

E eles chegam no mesmo resultado.

**Steve:** *That's the same damn answer! We're back to our—to our big, big eukaryotic cell.*

O episódio poderia encerrar aí, deixando o ouvinte só com essa curiosa coincidência. Mas ainda tem um último momento, que a gente pode chamar de “momento reflexivo”.

Nele, o repórter que conduziu o episódio conversa com a equipe sobre aquele resultado, que insights ele teve, e como aquilo tem a ver com questões mais gerais do comportamento da matéria e das células.

O objetivo não é afirmar nenhuma conclusão científica, estabelecer algum conhecimento novo, mas pensar sobre aquela pergunta que deu começo a tudo: qual é a média do tamanho de tudo que existe.

Muitas produções narrativas que se organizam nesse esquema de arco com atos tem esse momento reflexivo no final, quando quem apurou e contou a história fala sobre ela.

Pro Ira Glass, um dos apresentadores e produtores do “This American Life”, esse momento reflexivo não é uma coisa professoral, uma parte que explica pro ouvinte porque aquilo é interessante - se precisasse desse tipo de didatismo, talvez não seria algo tão interessante assim. Pra ele, esse é um momento que faz com que a história não perca a grandiosidade dela.

Eu diria que é um momento de elaboração, quando você toma o resultado e pensa nele à luz da pergunta que foi feita no começo. O que, no fim das contas, foi respondido?

\* \* \*

Um episódio como esse do RadioLab pode soar como a história de uma mera curiosidade ou coincidência científica.

Mas o desdobramento daquela pergunta inicial foi amadurecendo e desenvolvendo novas questões . Uma primeira é: quais os limites da capacidade de observação humana do que existe hoje. E, a partir dela, surge outra: de tudo isso que a humanidade é capaz de observar, onde estaria o limite do que é um objeto?

Essas são ainda questões imensas, mas não é o propósito do programa trazer todas as controvérsias da física ou da filosofia pro seu ouvido. Neste, como em qualquer outro produto de divulgação, não há o compromisso de ser exaustivo com o tópico que se investiga.

Por exemplo, na primeira conta que o repórter e o matemático fizeram, eles passaram por algo que é o comprimento de Planck, um conceito bastante abstrato da física. Não é preciso explicar o que isso é em detalhes, mas o matemático ali é uma fonte com credibilidade que dá pro ouvinte uma definição mínima pra que a conversa possa seguir em frente: aquela é uma medida que estabelece um limite do que é a matéria e ela pode ajudar a responder a pergunta central do episódio.

Esse é um episódio que se aproxima daquele modelo do engajamento público com ciência, aquela classificação do Michael Dahlstrom que eu contei no episódio passado. O RadioLab apresenta pro ouvinte como uma questão simples pode ser desenvolvida à sério e preenchida por descobertas científicas atuais.

## *Cena*

Agora que a gente viu como os atos formam o arco e se conectam, vamos dar mais um passo e olhar uma cena mais de perto. É um bom momento pra falar afinal do resultado daquela conta e de como ele é apresentado.

A graça do episódio está não só em achar a resposta pra pergunta sobre qual a média de tudo, mas em levar ela à sério e em encontrar os termos pra fazer a conta.

No decorrer do episódio se cria um suspense nessa busca, até que o Soren e o Steve conseguem as duas medidas: 10 elevado a 27 metros pra maior coisa, uma estrela, e 10 elevado a -35 pra menor, uma partícula subatômica.

### ***RadioLab | The Middle of Everything Ever***

***Steve:*** *So we got 27 on the upside.*

***Soren:*** *He just takes the two powers ...*

***Steve:*** *And negative 35. So I should add them together.*

Aqui o repórter e o matemático estão descrevendo como a conta é feita. É um procedimento simples.

***Soren:*** *adds them up, 27 plus -35.*

***Steve:*** *That gives me -8.*

Primeiro você soma 27 com -35. O resultado é -8

***Soren:*** *And then because we want the average of just two things, he divides them by two.*

***Steve:*** *Divided by 2 is -4.*

Daí, como o que interessa é encontrar a média, então é preciso dividir isso por dois, que dá 10 elevado a -4.

***Soren:*** *So the middle ...*

***Steve:*** *So think 4 below 0 is—4 orders of magnitude below 0 is the middle.*

***Soren:*** *So that's—that's 10<sup>-4</sup>, which is a decimal point and then three zeros?*



**Steve:** *Yeah.*

**Soren:** *So wait. Is that—that's a milli ...*

**Steve:** *That's a 10th of a millimeter.*

**Soren:** *That's a 10th of a millimeter.*

**Steve:** *Yeah.*

Que é um décimo de um milímetro

**Soren:** *So like a—wait, a millimeter would be like a grain of sand?*

**Steve:** *Yeah.*

**Soren:** *So it's a tenth of a grain of sand.*

Como o Ira Glass diz, o rádio - e vamos estender essa ideia pra podcasts também - é um meio muito visual, afinal, é preciso que o ouvinte imagine tudo o que está sendo dito. O repórter poderia simplesmente ter explicado a conta ou dito o resultado, mas ao mostrar pra gente isso numa conversa, essa conta vira uma cena.

Esse diálogo é uma maneira de destrinchar uma operação matemática que talvez seja incomum pra muita gente, somar números com potência, ainda mais com uma delas sendo um número negativo. E é também uma forma de se dar uma dimensão mais palpável do que significa o resultado.

Um décimo de um milímetro é um décimo de um grão de areia, ou, como pouco adiante eles descobrem, é a medida de uma célula eucariótica grande, o elemento básico das formas de vida complexas.

**RadioLab** | *The Middle of Everything Ever*

**Soren:** *Yeah, all right. So the basic unit of complicated life is the middle.*

**Steve:** *Yeah, that's nice.*

É esse resultado surpreendente que aparece nas duas contas. O meio de tudo que existe é do tamanho da coisa fundamental da vida.

Eu gosto desse exemplo porque ele mostra como uma situação que é uma referência de algo abstrato e até mesmo repulsivo pra tanta gente, como uma operação matemática, se torna uma situação viva, instigante.

Claro, isso começa já na concepção de todo o episódio como um produto sonoro, por isso o Steve está gravando essa conversa. Não é só a informação que importa, mas como se chega até ela e como isso vai ser mostrado.

## **Explorando outro modelo: 37 graus**

Bom, a gente tem então um arco, que começa com uma questão ou um problema guia e que se divide em atos, etapas pra se contar essa história. Ali no RadioLab a gente viu como uma pergunta pode servir como ponto de partida e fazer uma única história se desdobrar.

Mas um “causo” também pode ter esse papel.

**37 Graus** | *Eles não querem que você saiba*

**Bia:** *Sarah, que esquina é essa que a gente está hoje?*

**Sarah:** *Eu acho que essa esquina em que a gente está, ela pode ser em qualquer lugar. Eu sinto que você anda na rua e você não sabe mais se a pessoa que você encontra ali tá vivendo na mesma realidade que você ou não.*

**Bia:** *Você acha que a gente tá andando na rua, assim, e de repente, tropeça, cai num portal esquisito e, de repente, você não sabe nem como volta?*

**Sarah:** *Eu acho que não é tão simples assim. Eu acho que às vezes essa realidade, ela vai crescendo de fininho dentro da pessoa. E quando ela percebe, ela já não está mais aqui. E pra começar o episódio eu fui conversar com alguém que caiu numa dessas realidades estranhas.*

Essa é a Sarah Azoubel, que ao lado da Bia Guimarães é responsável pelo 37 graus, um “podcast que conta histórias com um pé na ciência”, como elas definem.

Esse é o segundo episódio da quarta temporada do programa, chamada “Na esquina da realidade”, em que elas exploram histórias em que a realidade não é o que parece. São diferentes situações em que enganos, desvios, mentiras ou o desconhecido interferem na nossa relação com o mundo.

Esse episódio 2, que tem o título “Eles não querem que você saiba”, fala sobre teorias da conspiração, como elas podem moldar a visão de mundo das pessoas e dar um sentido pro cotidiano.

Isso é só o tema, o tópico que orienta a busca da história. A ideia aqui não é discutir a definição de teoria da conspiração, mas mostrar situações em que elas se apresentam e como interferem na vida das pessoas.

O episódio começa com a história do João, um rapaz que ao entrar no Ensino Médio num internato, foi atraído pro mundo das teorias conspiratórias pelos colegas mais velhos do curso.

### **37 Graus | Eles não querem que você saiba**

**Sarah:** *e os monitores que tomavam conta deles eram uns caras mais velhos, assim.*

**João:** *Roqueiro, tal. E a gente falava: “não, esse cara é muito foda!”*

**Sarah:** *Que acabavam, né, por ser monitores e estar naquela posição ter uma certa influência nos meninos.*

**João:** *Então tudo o que eles falavam, a gente: “bom, é isso mesmo”.*

**Sarah:** *E com isso eles também tinham uma influência no que rolava na sala de TV*

**Sonora:** *Fomos visitados por seres do espaço sideral e eles deixaram pistas no planeta Terra.*

**Sarah:** *E uma das coisas que eles mais gostavam de assistir era aquela série*

**SONORA:** *É preciso questionarmos tudo que foi nos ensinado*

**Sarah:** *...do History Channel,*

**Sonora:** *Nós não estamos sozinhos. Nós nunca estivemos sozinhos.*

**Sarah:** *“Alienígenas do Passado”*

**João:** *Isso, precisamente.*

Esse primeiro ato com ele é como uma história de set-up. Ela não é a história principal do episódio, mas uma espécie de apresentação primeira do problema.

### **37 Graus | Eles não querem que você saiba**

**Sarah:** *E aí você pensa assim, quem nunca na adolescência flertou com uma teoria maluca de alienígena?*

**Bia:** *Eu sim.*

**Sarah:** *Eu também.*

E já dá pra identificar um micro-arco nessa primeira parte

O João, que é um rapaz de criação religiosa, descobre esse mundo das teorias conspiratórias no YouTube, vendo episódios de programas de tv como “alienígenas do passado”. E esses discursos, não só não entram em conflito com as crenças que já tinha, como na verdade preenchem buracos.

### **37 Graus | Eles não querem que você saiba**

**João:** *Eu já tava começando a duvidar da minha crença religiosa em alguns pontos por causa de uma teoria da conspiração.*

**Bia:** *A coisa dos alienígenas não ia de frente com a Bíblia?*

**Sonora:** *Nós nunca perderemos a fé em Deus, nunca, quando falamos em alienígenas antigos.*

**Sarah:** *Então, o que ele me falou é que ele usava a história dos alienígenas pra tapar buracos, onde a Bíblia... ele não conseguia mais explicar, sabe?*

**João:** *Talvez, aquela visão de que algumas coisas ali foram... são descrições de seres de outros planetas talvez desse sentido a trechos da Bíblia que de outra forma eu não via muito sentido, sabe?*

Naqueles vídeos, ele descobria coisas que outros não sabiam, sentia que estava desbravando um mundo escondido, deliberadamente escondido.

Só que com o tempo, o João passou a questionar aqueles discursos também, percebendo que eles tinham suas próprias falhas e furos - e se permitiu seguir essa outra rota dos caminhos da dúvida. Até que ele virou de lado, foi pra universidade estudar biologia e se tornou um divulgador científico, com um canal sobre paleontologia e evolução no YouTube.

A história do João se fecha nesse primeiro bloco, mas ajuda a fazer a questão que move o programa avançar.

### **37 Graus | Eles não querem que você saiba**

**Sarah:** *E essa história do internato paralelo fez a gente pensar que, beleza, às vezes a gente flerta com uma ideia maluca que a gente vê na TV ou lê em algum lugar. E às vezes a gente até passa um pouco disso e dá uma... dá uma namorada, assim, nas ideias estranhas. Mas aí, muitas vezes a gente percebe que é melhor voltar pra realidade.*

**Bia:** *Mas e quando não, quando você entra pela porta e você não só espia, mas resolve se embrenhar um pouco nela.*

Pois é, nem todos que se aproximam de teorias da conspiração deixam esse mundo. Aliás, esse tipo de discurso existe desde muito antes de YouTube.

**Bia:** *Tem teoria da conspiração por todo canto, em todo tempo, em várias épocas da história. E nem todas elas terminam sem fazer um estrago, né?*

Aí se abre caminho pra narrativa central do episódio, que vai mostrar que, opa, esse problema pode ser maior do que parece.

Pra isso, a Bia e a Sarah mergulham na história de como parte da comunidade japonesa no Brasil acreditava que o Japão não havia perdido a Segunda Guerra Mundial.

O tema e problema do início ganham camadas aqui. Agora se trata de mostrar as consequências que teorias conspiratórias podem ter quando se tornam parte da visão de mundo de um grupo que não admite ser contestado.

Ancorar uma questão mais geral em histórias que ilustrem a existência daquele problema no mundo é uma estratégia comum de podcasts narrativos.

Poderia ter sido alguma outra história, mas as apresentadoras encontraram essa no processo de pesquisa sobre teorias conspiratórias no Brasil e decidiram investir nela.

Esse segundo bloco também tem uma estrutura bem definida que segue um arco narrativo. Você pode fazer até uma outra divisão, mas na minha escuta, eu separei as partes internas desse segundo ato assim:

A descoberta do problema, ou seja, parte da comunidade japonesa no Brasil não acreditava na derrota do Japão na Guerra. E muitas dessas pessoas se reuniam numa associação chamada Shindo Renmei. Aqui, surge um primeiro pesquisador, o Rogério Dezem, que estudou a história desse grupo.

Aí é dado um passo atrás, como foi a vinda e o estabelecimento dos migrantes japoneses pro Brasil - e como o racismo e um sentimento antiniponista fizeram parte disso. Aqui mais uma pesquisadora aparece, a Luana Ueno.

Com essas bases, a Bia e a Sarah podem mostrar como a guerra e as narrativas sobre o papel do Japão no conflito racharam a comunidade japonesa no Brasil. Elas contam como se disseminou a ideia de que o Japão tinha vencido a guerra e como chegaram a acontecer até assassinatos de quem se opunha a isso.

De novo, três partes bem definidas, que podem ser descritas com um daqueles esquemas de que eu falei lá atrás: existe uma situação; especialistas ajudam a entender isso melhor; como essa situação se desdobrou.

No final deste bloco, tem aquele momento reflexivo, em que a Bia e a Sarah conversam sobre o que essa história diz sobre o tema maior que guia o episódio.

### **37 Graus | *Eles não querem que você saiba***

**Sarah:** *E aqui, hoje em dia eu acho que a gente tem um cenário que é muito diferente disso, porque a gente têm informação demais.*

É sempre um mesmo problema ganhando camadas e se desenvolvendo. O momento reflexivo acaba servindo nas entrelinhas como uma forma de sinalização pro ouvinte: é aqui que nós estamos e agora nós vamos pra lá.

Não dá pra dizer que as pessoas que estão caindo nas diversas teorias de conspiração que existem hoje, sejam elas da eleição, da vacina, não dá pra dizer que é por falta de acesso à informação. [39:53]

**Bia:** *Hmm, hmm*

**Sarah:** *Pra mim tá mais pra uma manipulação dos fatos ou uma escolha de fatos isolados que, quando colocados num certo contexto eles moldam uma realidade alternativa que ignora todas as evidências e não tem mais lastro no que está de fato ocorrendo no mundo.*



A última parada do episódio é mais breve. Nela se conta sobre o papel dos movimentos antivacina no YouTube e mais dois pesquisadores surgem: a jornalista e doutoranda em política científica Dayane Machado, que é quem estuda esses movimentos antivacina, e o Wasim Syed, doutorando em biotecnologia e membro de um movimento pro-vacina.

Nesse último momento, o episódio também se propõe a discutir soluções pro problema de disseminação das teorias da conspiração, não com a pretensão de dar uma resposta fechada, mas de apontar caminhos. E é com isso que o arco se completa.

\* \* \*

Bem, falei demais. Mas seria difícil só olhar a forma sem falar um pouco do conteúdo, daquilo que preenche o esquema narrativo.

Enfim, analisando episódios como esses do RadioLab e do 37 graus dá pra perceber como essa estrutura de três atos funciona e como ela também é flexível. Também dá pra notar as divisões internas que cada seção tem.

Mas independente de como esse esquema seja preenchido, uma história de introdução é um ótimo recurso pra tornar o problema relacionável ao ouvinte. A partir daí, é possível mostrar como aquele problema aparece em contextos mais amplos e mais complexos. A passagem de um ato a outro e os momentos reflexivos podem servir como etapas de sinalização, em que as pessoas que apresentam o podcast podem ressituar o ouvinte no desenvolvimento do problema.

No próximo episódio desse podcast aqui, a gente vai voltar a esses dois exemplos pra analisar uma outra coisa, aquela que a gente poderia talvez dizer que é o fundamento de um podcast narrativo: a voz, como som mesmo, e como pessoa,

afinal, tem sempre alguém falando com a gente. EA gente vai ver também como as vozes são o eixo em torno do qual outros elementos sonoros vão se articulando pra formar o tecido sonoro de um podcast.

A gente retoma essa conversa daqui a pouco então. Até mais ouvir.